

FRATELLI TUTTI: A CULTURA DO ENCONTRO E A EDUCAÇÃO INTEGRAL NA PERSPECTIVA DA FRATERNIDADE UNIVERSAL

FRATELLI TUTTI: MEETING CULTURE AND INTEGRAL EDUCATION IN PERSPECTIVE OF UNIVERSAL FRATERNITY

*Danilo Nobre dos Santos¹
Reginaldo Marcolino²*

Resumo: A cultura do encontro tão pregada por Francisco é um clamor urgente em um tempo de duras e fortes provações. Com a pandemia do novo coronavírus (COVID 19), a humanidade clama por empatia e compaixão. A Encíclica *Fratelli Tutti* do papa Francisco sintetiza muito bem qual é a tarefa de todos os atores envolvidos numa autêntica educação integral orientada a uma necessária cultura do encontro. Assim, na busca pela tão sonhada fraternidade universal e amizade social, cada um de nós é chamado a ser um artífice da paz, unindo e não dividindo, extinguindo o ódio em vez de o conservar, abrindo caminhos de diálogo em vez de erguer novos muros” (FT 284).

Palavras-chave: Fraternidade universal. Cultura do encontro. Educação integral.

Abstract: Meeting culture so preached by Francis is an urgent clamor in hard and strong trials. At the new coronavirus pandemic, humanity clamor for empathy and compassion. The Encyclical *Fratelli Tutti* from Pope Francis highly synthesizes all actors’ tasks involved in an authentic integral education for an essential meeting culture. Therefore, looking for so hoped universal fraternity and social friendship, everybody is called to be a peacemaker, connecting instead of dismembering it, fighting against hate instead of maintaining it, opening dialog ways instead of building new walls (FT 284).

Keywords: Universal fraternity. Meeting culture. Integral education.

Introdução

O Concílio Vaticano II foi, de fato, um divisor de águas entre a consciência cristã centrada num conhecimento essencialista das coisas, das pessoas e do mundo, que descarta a historicidade, e outra que assume a história como um processo dinâmico e interpretativo da fé e da sua transmissão às pessoas e ao mundo. Há com isso um rompimento com uma rotina estável, considerada imutável, rígida e fixa, exercida somente pelo princípio da autoridade e da obediência. A Igreja do Vaticano II é essencial e substancialmente, Povo de Deus.

¹ Doutorando em Educação pela UNESP-Marília/SP. Docente do curso em Teologia pela Faculdade João Paulo II, em Marília-SP. E-mail: danilo_nobre@hotmail.com

² Doutorando em teologia dogmática pela PUC/SP. Docente e coordenador do curso em Teologia pela Faculdade João Paulo II, em Marília-SP. E-mail: reginaldomarcolino@gmail.com

A comunidade eclesial é formada por um povo. O Concílio Vaticano II recuperou essa eclesiologia e, conseqüentemente, sua teologia, enquanto as eclesiologias medieval e moderna haviam colocado em relevância a categoria *societas* dentro de uma concepção estreitamente jurisdicista de Igreja, desembocando na concepção de Igreja como sociedade perfeita. Ao falar de Igreja como Povo de Deus significou ressaltar seu valor social e seu papel histórico.

Dentro de nossa história atual e como resgate profundo dos princípios da historicidade de nosso tempo, o papa Francisco tem sido uma voz necessária, incômoda, e por isso mesmo, profética. Sua voz ultrapassa os limites da Igreja católica. Seu comportamento e seus ensinamentos revelam uma Igreja que busca a cultura do encontro.

A cultura do encontro tão pregada por Francisco é um clamor urgente em um tempo de duras e fortes provações. Com a pandemia do novo coronavírus (COVID 19), a humanidade clama por empatia e compaixão. Nunca foi tão atual pensar um tema que pudesse invadir e fazer sentir a dor do mundo que sofre, em especial, os mais pobres. Por isso, pensar uma cultura do encontro dentro do plano da fraternidade universal torna-se atual, pertinente e necessária “voz que clama no deserto da vida”, exigindo de todos verdadeira ação e transformação; uma insistência solidária que ultrapasse uma visão utilitarista e que alcance, verdadeiramente, o cuidado das pessoas.

Em seu capítulo III, a *Fratelli Tutti* de Francisco sintetiza muito bem qual é a tarefa de todos os atores envolvidos numa autêntica educação integral orientada a uma necessária cultura do encontro. Trata-se da tarefa de pessoas revestidas de responsabilidades no âmbito educacional e da formação. Os conhecimentos historicamente elaborados pela humanidade são transmitidos por instituições como a família, a escola, os grupos religiosos, os meios de comunicação, entre outros.

De modo primordial, as famílias, qual lugar de vivência e transmissão de valores indispensáveis, como a fé, o cuidado da vida e a fraternidade, que se manifesta em ajuda mútua e *benquerer*. Lugar de partilha não somente de bens, mas principalmente de nutrição de virtudes e princípios inegociáveis que marcam a formação de nossa própria personalidade.

Outro lugar de expressiva relevância neste processo é a escola, onde o fenômeno da troca de conhecimento entre educandos e educadores acontece, articulando as diversas dimensões que constituem a pessoa humana: intelectual, espiritual, social, política, afetivo-sexual, moral, etc. Assim, uma educação integral se realiza a partir da

realidade primeira, onde são formadas as consciências e capacitadas para o diálogo, a tolerância e a comunicação não-violenta.

1. A Igreja em saída como caminho de fraternidade

Ao falar de São Francisco de Assis, grande inspirador do papa Francisco na Encíclica *Fratelli Tutti*, chama a atenção a primeira afirmação, propondo à Igreja uma “forma de vida com sabor do Evangelho” (FT 1). Explicita ainda que o essencial de uma fraternidade aberta, ou seja, inclusiva, para todos, é a que “permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas” (FT 1).

É necessário “ler os sinais dos tempos”, de modo a reconhecer onde e quando há a manifestação de gestos ou omissões, movimentos e acontecimentos que ilustram a urgência a que se deve dedicar a comunidade dos cristãos. Assim, quaisquer ideologias, argumentos e razões são modificadas a serem configuradas ao Senhor, pois após o encontro com Jesus, a alegria do Evangelho transborda nas atitudes e ações daqueles que se propõem ao seguimento. Levar adiante as lições de amor e fraternidade de Cristo, é superar as situações de marginalização e egoísmo, romper os paradigmas pré-dispostos pelas ideologias e promover um mundo aberto ao diálogo, ao amor e à solidariedade.

Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*³, convida-nos a uma saída missionária da Igreja. Isso requer uma autoverificação de nossa fé, uma nova certeza de nossa identidade e uma nova alegria no ato de crer. Uma Igreja em saída precisa recuperar a consciência das suas raízes. Em primeiro lugar, ela deve ir ao encontro com Deus para depois alcançar o ser humano. É preciso colocar Deus no centro de nosso pensamento e de nossa ação pastoral. Diante de um mundo esquecido de Deus, a Igreja se fará perceptível como lugar de presença divina.

³ O antecedente desta exortação foi a XIII Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos, dedicada a “**A nova evangelização para a transmissão da fé**” (7-28 de outubro de 2012). O Papa Francisco ampliou as conclusões da Assembleia Sinodal ao inserir um forte toque pessoal, recolhendo, no conteúdo e na linguagem da Exortação, palavras e propostas que marcaram seu pontificado desde o momento de seu anúncio em 13 de março de 2013. “A alegria do Evangelho” *Evangelii Gaudium*, (EG), **é o conteúdo programático do seu pontificado que indica os caminhos para a marcha da Igreja nos próximos anos** (EG 1). A visão do Papa Francisco de como evangelizar no mundo dominado pela tecnocracia globalizada é agora. Esta visão é amadurecida por décadas de experiência na missão pastoral na Argentina e fortalecida pelo discernimento da Igreja latino-americana à luz dos diferentes tempos, na Conferência Latino-americana de Aparecida em 2007.

Neste sentido, Francisco recorda o que disse Bento XVI (*Deus Caritas est*, 1) que nos leva ao centro do Evangelho: “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou por uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma pessoa que dá um novo horizonte à vida e, com ela, uma orientação decisiva”(EG 7).

Na Palavra de Deus, aparece constantemente este dinamismo de “saída”, que Deus quer provocar nos crentes. Abraão aceitou a chamada para partir rumo a uma nova terra (cf. Gn 12,1-3). Moisés ouviu a chamada de Deus: “Vai; Eu te envio” (Ex 3,10), e fez sair o povo para a terra prometida (cf. Ex 3,17). A Jeremias disse: “Irás aonde Eu te enviar” (Jr 1,7). Naquele “ide” de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova “saída” missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho.⁴

A Igreja necessita ser servidora de Deus para poder servir aos homens. Dessa forma, ser Igreja missionária significa buscar caminhos realistas para ganhar de novo as pessoas para Cristo e entusiasamá-las com sua mensagem. Renunciar a esta tarefa missionária é negar as próprias raízes e o mandato original do Senhor: “Ide e fazei discípulos todos os povos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo”(Mt 28,19).

A partir desse retorno à fonte, Francisco nos exorta a anunciar o Evangelho em contextos vitais plurais, com ritmos desiguais na vida cristã, e encoraja todos os cristãos a revitalizar e desenvolver o espírito do Evangelho. Basta analisar que, na encíclica *Laudato Si*, inspirou-se em Bartolomeu, patriarca ortodoxo, para propor o cuidado à criação; na encíclica *Fratelli Tutti*, o estímulo para falar da fraternidade universal e da amizade social, foi o Grande Imã Ahmad Al-Tayyed, no encontro ocorrido em Abu Dhabi, “para lembrar que Deus criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade, e os chamou a conviver entre si como irmãos” (FT 5).

Percebe-se, assim, que Francisco segue um conteúdo programático e paradigmático em seu pontificado, ou seja, é claro desde “o que fazer” ao “como fazer”. Francisco pensa uma Igreja que cria comunhão dinâmica, aberta, dialogal (EG 31), porque tem as portas abertas e sai em direção às periferias humanas, como verdadeira

⁴ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, 20.

mãe de coração aberto (EG 46). Igreja, esta, com as portas abertas e que caminha em direção aos outros para chegar às periferias humanas.

Mas Francisco adverte: “sair ao encontro não significa correr para o mundo, sem direção nem sentido. Muitas vezes é melhor abrandar o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho. Às vezes, é como o Pai do filho pródigo, que continua com as portas abertas para, quando este voltar, poder entrar sem dificuldade” (EG 46).

O momento atual exige uma renovada prática pastoral que manifeste o empenho em favor da evangelização. Caberá sempre a pergunta: “o que devemos fazer?”. Ou seja, será preciso buscar uma possibilidade de resposta ou, ainda uma proposta para identificar as prioridades na ação pastoral. Não se trata da organização estrutural da comunidade, nem de sua preocupação econômica e financeira. É preciso uma Igreja que se deixe renovar, portanto, que esteja “aberta ao amor fraterno”, fazendo “renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade” (FT 6; 7).

2. A cultura do encontro *versus* a cultura do descartável

Francisco, na encíclica *Fratelli Tutti*, ensina que “a verdadeira sabedoria pressupõe o encontro com a realidade” (FT 47). Não se pode mais admitir uma seleção de pessoas simplesmente pelo gosto pessoal de cada indivíduo, pois uma “sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos” (FT 12). Ter cuidado para que não prevaleçam os interesses individuais em detrimento da dimensão comunitária da existência (FT 12).

Facilmente hoje, pode-se buscar um consumismo sem fronteiras, aumentando as distâncias entre as pessoas, vivendo sem limites e, por assim dizer, buscando meramente os benefícios individuais. Com isto, instaura-se a cultura do descartável, pois aumenta-se a riqueza de uns poucos, não havendo equidade e, assim, “nascem novas pobreza” (FT 21). Francisco insiste que “persistem hoje no mundo inúmeras formas de injustiça, alimentadas por visões antropológicas redutivas e por um modelo econômico fundado no lucro, que não hesita em explorar, descartar e até matar o homem” (FT 22).

Cada vez mais os que querem viver isoladamente, de forma individualista, acabam “erguendo muros” e estes, uma vez fechados à alteridade, se tornam escravos dos próprios muros que construíram (FT 27). O ser humano não pode perder sua dignidade como bem alienável; reconhece-se, hoje, haver avanços e progressos

históricos na vida humana, sem contudo, perder a dimensão ética, os valores espirituais e o sentido de responsabilidade.

A globalização trouxe um sentimento de onipotência e, com isto, esmoreceu o sentido de pertença à mesma humanidade, perdendo o sonho de construção de justiça e de paz; cresce cada vez mais uma “indiferença acomodada, fria e globalizada”. Continua Francisco: “O isolamento e o fechamento em nós mesmos ou nos próprios interesses nunca serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas é a proximidade, a cultura do encontro. O isolamento, não; a proximidade, sim. Cultura do conforto, não; cultura do encontro, sim” (FT 30).

O papa Francisco disse, num diálogo com o sociólogo Dominique Wolton, sobre a cultura do encontro:

Nossa teologia é uma teologia de migrantes. Porque todos somos migrantes [...], o próprio Jesus foi um refugiado, um imigrante. No mais, existencialmente, pela fé, somos migrantes. A dignidade humana implica necessariamente “estar a caminho” [...]. Não se trata só de “estar” a caminho, mas de “fazer” o caminho. O caminho é feito. Há um poema espanhol que diz: “Faz-se caminho ao andar”. E andar é comunicar-se com os outros. Quando andamos, travamos encontros. Andar é talvez a base da cultura do encontro. Os homens se encontram, eles se comunicam. Seja no bem, como na amizade, ou no mal, com a guerra, é uma forma de comunicação. Uma comunicação de agressividade, da qual o homem é capaz [...]. Quando uma pessoa humana decide não andar mais, ela fracassa. Ela fracassa em sua vocação humana. Andar, estar sempre a caminho, é comunicar sempre. Podemos errar o caminho, podemos cair...[...]. Caminhamos nos enganando, caminhamos. Comunicamos. Temos dificuldades para nos comunicar, mas nos comunicamos apesar de tudo. Digo isso porque isso não deve afastar as pessoas que estão caminhando, porque isso seria afastar a comunicação.⁵

Assim, vemos que Francisco aposta nos valores cristãos como proposta segura para o enfrentamento dos problemas humanos contemporâneos. “Deus continua a espalhar sementes de bem na humanidade” (FT 54). O Santo Padre confia na presença divina em meio a tantos desafios e cita a personagem do Bom Samaritano do Evangelho (Lc 10, 25-37) como modelo de interpelação para qualquer pessoa, independentemente de suas crenças e convicções religiosas. (FT 56).

Enquanto nos deparamos hoje com tendências cada vez mais individualistas e meritocráticas, Francisco se serve da belíssima passagem do Evangelho (no capítulo II

⁵ FRANCISCO. **O futuro da fé**: entrevistas com o sociólogo Dominique Wolton. Trad. Pedro Sette-Câmara. 1.ed. Rio de Janeiro: Petra, 2018. p. 23.

de sua Encíclica – *Um estranho no caminho*), para fazer ecoar forte o apelo à gratuidade, à proximidade e ao serviço desinteressado, para ensinar sobre a capacidade “de se sentar para escutar, acolher e dar atenção ao outro” (FT 48), para “amar e cuidar dele” (FT 59), não importando a sua procedência (FT 62).

Com a finalidade de chamar a nossa atenção para o triste fenômeno da indiferença e do individualismo cada vez mais agudos, Francisco denuncia a frieza com a qual insistimos em “lavar nossas mãos” em atitude de descaso e omissão, para nos livrar, ou melhor, nem ao menos nos envolver com problemas alheios.

O ser humano, em seu caminhar, travará encontros e desencontros. O grande desafio é o das “relações entre nós” (FT 57) e, portanto, da chamada indiferença; cria-se um duro e difícil desencontro. Em uma sociedade onde o descartável tornou-se paradigma natural de convivência, ser indiferente torna-se também muito normal e natural, ou seja, vivemos a grande tentação de “desinteressar-nos dos outros, especialmente dos mais frágeis” (FT 64).

Francisco adverte que: “estamos todos muito concentrados nas nossas necessidades, ver alguém que está mal incomoda-nos, perturba-nos, porque não queremos perder tempo por culpa dos problemas alheios. São sintomas duma sociedade enferma, pois procura construir-se de costas para o sofrimento” (FT, 65). Não é possível deixar “ninguém caído às margens da vida”, ou ainda, “viver indiferentes à dor” (FT 68). Vivemos, hoje, o “tempo do encontro” (FT 66). Diante do mundo em que vivemos, ou se passa “ao largo”, ou “se debruça sobre o caído” (FT 70).

Somos cada vez mais formados para o sucesso, para a conquista dos melhores lugares, para o destaque e o prestígio, para a meritocracia e a ostentação, fazendo com que não enxerguemos o outro. E se o consideramos, não o vemos como irmão, mas como inimigo, concorrente e empecilho para nossos projetos de poder e realização pessoal. Assim, vemos que o Papa propõe a figura e o exemplo do Bom Samaritano, justamente para nos ensinar que o caminho jamais poderá ser o da indiferença, convidando-nos a sermos “construtores de um novo vínculo social”. Afinal, “[...] a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro”. (FT 66).

Francisco nos convoca a todos para uma postura de protagonismo diante de tantas agressões à dignidade humana, incentivando para que assumamos nossa parcela de responsabilidade em relação aos sofredores deste nosso tempo, sem esperar que outros façam em nosso lugar aquilo que é tarefa nossa, de cristãos batizados e configurados a Jesus Cristo. “Não devemos esperar tudo daqueles que nos governam;

seria infantil. Gozamos de um espaço de corresponsabilidade capaz de iniciar e gerar novos processos e transformações”. (FT 77).

É preciso apenas o desejo gratuito, puro e simples de ser povo, de ser constantes e incansáveis no compromisso de incluir, integrar, levantar quem está caído; embora muitas vezes nos vejamos imersos e condenados a repetir a lógica dos violentos, daqueles que nutrem ambições só para si mesmos, espalhando confusão e mentira. Deixemos que outros continuem a pensar na política ou na economia para os seus jogos de poder. Alimentemos o que é bom, e coloquemos a serviço do bem”. (FT 77).

A pergunta fundamental na encíclica acerca da reflexão sobre a cultura do encontro é: “quem é o meu próximo?” (Lc 10, 29). Por isso, a grande provocação apresentada a partir da parábola em relação às nossas atitudes é o encontro com o diferente, pois encontram-se no texto bíblico um samaritano e um judeu. Mesmo sem proximidade alguma e sem uma relação estreitada no ponto de vista religioso e ideológico, o samaritano, transpondo seus interesses, dá ao judeu ferido hospedagem, primeiro em sua vida, lhe estendendo a mão, depois, em uma hospedaria, pagando suas despesas e cuidando do ferido e necessitado. Isso convida-nos “a encontrar-nos num ‘nós’”, pois “o todo é mais do que a parte, sendo também mais do que a simples soma delas” (FT 78).

A cultura do encontro faz-nos descobrir que o “amor deve estar aberto a todos” (FT 82). O ser humano se desenvolve “no sincero dom de si aos outros” e “não há vida quando se tem a pretensão de pertencer apenas a si mesmo e de viver como ilhas” (FT 87). Por isso, o “maior perigo é não amar” (cf. 1 Cor 13,1-13; FT 92). O amor na sua própria dinâmica exige abertura, capacidade de acolher os outros e sentido de pertença comum (FT 95). Dessa maneira, entende-se que: “o amor que se estende para além das fronteiras está na base daquilo que chamamos ‘amizade social’” (FT 99).

A lógica daquilo que é descartável faz do ser humano um sócio do outro. A fraternidade não é o resultado de situações do respeito às liberdades individuais (cf. FT 103). A relação existente entre os sócios cria mundo fechados (FT 104), e “o individualismo não nos torna mais livres, mais iguais, mais irmãos” (FT 105). Por isso, “a pessoa humana, com seus direitos inalienáveis, está naturalmente aberta a criar vínculos” (FT 111).

Nascemos, criaturas amadas pelo nosso Criador, Deus amor, num mundo que tem mais anos de vida do que nós. Pertencemos a Deus, pertencemos uns aos outros, e somos parte de toda a criação. E este fato, que entendemos com o coração, deve fazer fluir o nosso amor pelos outros; um amor que não ganha nem compra, porque tudo o que somos e temos é um dom imerecido. Como é que nos convencemos do contrário? Como nos tornamos cegos à beleza da Criação? Como é que nos esquecemos dos dons de Deus e dos nossos irmãos? Como podemos explicar que vivemos num mundo cuja natureza está sufocada, onde os vírus se propagam como o fogo e causam o desmoronamento das nossas sociedades, em que a pobreza mais dilacerante convive com a riqueza mais inconcebível, onde povos inteiros – como os rohingyas – estão relegados à lixeira?⁶

Todo ser humano possui dignidade a partir do princípio criador: “somos imagem e semelhança de Deus” (cf. Gn 1, 26). A dignidade humana traz a consciência de que todos estão dentro de um único plano divino: a salvação. Não é possível compreender a salvação desejada por Deus, se ainda há pessoas em situação de sofrimento e de vulnerabilidade humana. Francisco ressalta essa importância ao dizer que, “precisamos fazer crescer a consciência de que, hoje, ou nos salvamos todos ou não se salva ninguém. A pobreza, a degradação, os sofrimentos dum lugar da terra são um silencioso terreno fértil de problemas que, finalmente, afetarão todo o planeta” (FT 137).

A cultura do descartável está ligada à lógica de mercado, ou seja, cresce, infelizmente, cada vez mais hoje, a crença de que o neoliberalismo é solução para os problemas humanitários da sociedade. Francisco diz que: “a pandemia evidenciou que nem tudo se resolve com a liberdade de mercado e que, além de reabilitar uma política saudável que não esteja sujeita aos ditames das finanças, ‘devemos voltar a pôr a dignidade humana no centro e sobre este pilar devem ser construídas as estruturas sociais alternativas de que precisamos’” (FT 168).

De modo especial “os políticos são chamados a ‘cuidar da fragilidade, dos povos e das pessoas. Cuidar da fragilidade quer dizer força e ternura, luta e fecundidade, no meio de um modelo funcionalista e individualista que conduz inexoravelmente à ‘cultura do descarte’” (FT 188). É preciso fazer o amor tornar-se próximo e concreto (FT 194). Assim, a via da ternura é o lugar do amor que se faz próximo.

⁶ FRANCISCO. **Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor**. Trad. Austen Ivereigh. 1.ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020. p. 20.

3. Uma educação integral para uma fraternidade universal

No capítulo V, dedicado à reflexão acerca da Política, sob o título “A melhor Política, Francisco destaca a necessidade de uma *educação para a Solidariedade* a fim de se garantir maior qualidade e proximidade nas relações humanas, fortalecendo a autonomia dos sujeitos no enfrentamento das inúmeras, questionadoras e desafiantes situações-limite que marcam a nossa existência.

A tarefa educativa, o desenvolvimento de hábitos solidários, a capacidade de pensar a vida humana de forma mais integral, a profundidade espiritual são realidades necessárias para dar qualidade às relações humanas, de tal modo que seja a própria sociedade a reagir diante das próprias injustiças, das aberrações, dos abusos dos poderes econômicos, tecnológicos, políticos e midiáticos (FT 167).

Isso só é possível mediante a concepção de política indicada pelo Papa, enquanto serviço voltado ao verdadeiro bem comum (FT 154). Justamente porque somos marcados por tantas notícias de corrupção na Política é que o Romano Pontífice enfatiza a necessidade de se refletir acerca desta belíssima expressão de caridade. E é exatamente desta maneira que Francisco se refere à Política, como expressão máxima de caridade, parafraseando seu antecessor, Bento XVI.

Assim, ele recorda a necessidade de uma educação para a Solidariedade, a fim de que se realize e se pratique uma Política melhor, onde se busque em primeiríssimo lugar, o bem comum e não os bens particulares, resgatando-se aqui toda a rica tradição da Doutrina Social da Igreja, que sempre trabalhou com estes conceitos.

É caridade acompanhar uma pessoa que sofre, mas é caridade também tudo o que se realiza - mesmo sem ter o contato direto com essa pessoa - para modificar as condições sociais que provocam o seu sofrimento. Alguém ajuda um idoso a atravessar um rio e isso é caridade primorosa; mas se o político lhe constrói uma ponte, isso também é caridade. É caridade se alguém ajuda uma pessoa fornecendo-lhe comida, mas se o político lhe cria um emprego, exerce uma forma sublime de caridade, que enobrece a ação política (FT 186).

Mais uma vez, Francisco cita a importância da educação a serviço de um caminho que leve ao desenvolvimento de uma solidariedade capaz de transformar as realidades mais sofridas, lembrando que isso também é ação política que seja capaz de

oferecer canais que garantam a expressão e a participação social, jamais se esquecendo do amor e da opção preferencial pelos mais necessitados, oriundos de uma opção primeira e fundamental por Jesus Cristo e o seu Reino.

Para abordar essas questões, Francisco, já no primeiro capítulo da Encíclica, procura descrever a situação do mundo atual, com imensa preocupação de pastor supremo da Igreja, suspeitando de que a humanidade esteja regredindo, ao invés de avançar e progredir na dilatação de suas capacidades e iniciativas para a construção de uma convivência melhor, sobretudo, mais humana.

De tal modo, ele destaca algumas tendências hodiernas que acabam atrapalhando o desenvolvimento da fraternidade universal, pontuando que “a história dá sinais de regressão. Reacendem-se conflitos anacrônicos, que se consideravam superados, ressurgem nacionalismos fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos” (FT 11). Fica evidente a preocupação de Francisco com a realidade que nos cerca e por vezes, nos “engolem” e iludem.

A lista dos males atuais (as sombras de nosso tempo – *de um mundo fechado*) é grande, profundamente questionadora e, desta maneira, o Santo Padre os nomeia, destinando a cada um, uma palavra de crítica com sabedoria, ânimo e esperança: sonhos desfeitos em pedaços; fim da consciência histórica; sem um projeto para todos; o descarte mundial; Direitos humanos não suficientemente universais; conflito e medo; globalização e progresso sem um rumo comum; as pandemias e outros flagelos da história; sem dignidade humana nas fronteiras; a ilusão da comunicação; agressividade despudorada, informação sem sabedoria; sujeições e autodepreciação.

Em um mundo que segue por esses caminhos, Francisco adverte que “[...] esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade; e o sonho de construirmos juntos a justiça e a paz parece uma utopia de outros tempos [...]” (FT 30). Ou seja, vivemos um clima de cada um por si e todos contra todos, como uma espécie de lei estabelecida que procura legitimar a indiferença e o descaso com a dor do outro. “[...] reina uma indiferença acomodada, fria e globalizada, filha de uma profunda desilusão que se esconde por trás dessa ilusão enganadora: considerar que podemos ser onipotentes e esquecer que nos encontramos todos no mesmo barco” (FT 30).

Aprendemos que não é o isolamento, o fechamento em nossas próprias ideias e projetos que nos garantirão a liberdade, a esperança e a paz, mas a alteridade, o encontro, a convivência, a solidariedade e a fraternidade. Avançamos muito em tecnologia e inovação digital, mas será que somos capazes de avançar, na mesma

medida, no encontro com o mistério e a fragilidade do próximo? “Como seria bom se, enquanto descobrimos novos planetas longínquos, também descobríssemos as necessidades do irmão e da irmã que orbitam ao nosso redor!” (FT 31).

Vemos, desta maneira, como Francisco insiste na vinculação necessária entre Fé e Vida, num intercâmbio fundamental de dons que se manifesta no cuidado dos que mais sofrem e necessitam de nossa presença e atenção. Colocarmo-nos a serviço do bem é tarefa urgente para que a fraternidade universal possa ser realidade entre nós, começando por baixo, atuando em cada caso, lutando pelo mais concreto e local, para assim, se atingir aos mais distantes.

“Cuidemos da fragilidade de cada homem, cada mulher, cada criança e cada idoso, com a mesma atitude solidária e solícita, a mesma atitude de proximidade do bom samaritano”. (FT 79). Será que temos presente em nós este senso de responsabilidade pelos feridos de nosso tempo e de nossas redondezas?

Uma proposta de autêntica educação integral, segundo as inspirações de Francisco, é aquela que forma o sujeito para a relação e o encontro, a escuta e a partilha, mediante uma abertura de vida, de consciência, de mentalidade e, principalmente, das mãos, para o serviço e o socorro, o amparo e o afago, se de fato, formos capazes de compreender sua feliz provocação, de que *Somos Todos Irmãos!*

Considerações finais

Portanto, o papa Francisco conclama que todos os cristãos e não cristãos, ou seja, todos os que buscam a Deus, cuja religiosidade seja qual for, “leve, não à discriminação, ao ódio e à violência, mas ao respeito pela sacralidade da vida, ao respeito pela dignidade e pela liberdade dos outros e a um solícito compromisso em prol do bem-estar de todos”, pois, de fato, “aquele que não ama não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor” (1Jo 4,8; FT 283).

Então, caberá a todos, à humanidade inteira, que sejamos “dialogantes, a agir na construção da paz, e não como intermediários, mas como mediadores autênticos [...]; cada um de nós é chamado a ser um artífice da paz, unindo e não dividindo, extinguindo o ódio em vez de o conservar, abrindo caminhos de diálogo em vez de erguer novos muros” (FT 284).

Referências

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti* – sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Loyola, 2020. (Documentos do Magistério).

_____. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013. (Documentos Pontifícios; v. 198).

_____. *Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor*. Trad. Austen Ivereigh. 1.ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

_____. *O futuro da fé: entrevistas com o sociólogo Dominique Wolton*. Trad. Pedro Sette-Câmara. 1.ed. Rio de Janeiro: Petra, 2018.

Recebido em: 20/04/2021

Aprovado em: 28/05/2021